

REVISTA

Ano 2 . Edição 04 . Mai/Jun/Jul . 2014

ONCOINFORMA

Informação para farmácia e enfermagem oncológica



ESSENCIAL

Especialista da *Norris Cancer* fala sobre a necessidade de tornar o cateter cada vez mais imprescindível no tratamento oncológico

Hospital Sírio-Libanês
Consagrado no atendimento
com excelência

Indústria BMR Medical
Promoção de bons hábitos
e saúde

Farmácia e enfermagem
debatem a Interação de
Processos Assistenciais

Primoport

Cateter Totalmente Implantado

low profile

Maior conforto ao paciente
Facilidade para palpação do reservatório
Formato anatômico
Uso em pediatria
Baixo perfil

O PrimoPort® Low Profile é um cateter totalmente implantável, de baixo perfil, desenvolvido para promover acesso prolongado e repetitivo ao sistema vascular.



FDA

www.primoport.com.br

bmr
MEDICAL

Índice

4 CARTA AO LEITOR

5 CARTA DO LEITOR

6 ACONTECEU
Interação de Processos Assistenciais

8 INSTITUIÇÃO EM FOCO
Complexo hospitalar brasileiro internacional

10 REPORTAGEM ESPECIAL
Cateter: importante aliado do paciente

12 REPORTAGEM ESPECIAL
Cateter x Qualidade de vida

13 RESPONSABILIDADE SOCIAL
BMR Medical faz diferente

16 SAÚDE REGULAMENTADA
Clínicas oncológicas miram na acreditação

18 ACONTECEU
Feedback na gestão de processos





Caro leitor

Esta quarta edição chega com uma homenagem para nossas enfermeiras e enfermeiros. Sim, é preciso agradecer pelo precioso ofício e, para representar todos, preparamos um singelo anúncio.

Para a matéria de capa, temos uma entrevista especial com a enfermeira oncológica do *Hospital Norris Cancer*, Linda Person, da *University of Southern California*. Podemos afirmar, foi uma delícia conversar com uma pessoa tão apaixonada pelo trabalho.

Também temos uma matéria sobre os pontos críticos e a interação de processos assistenciais entre farmácia e enfermagem. Além de uma entrevista com uma especialista da ONA, que menciona a movimentação de clínicas oncológicas em prol das creditações.

E, para quem ainda não sabe, a BMR Medical está de site novo. Todo o trabalho de estruturação foi totalmente pensado e idealizado para deixar a informação acessível. Por isso, convidamos você para acessar e conferir o resultado final.

Boa leitura!
A Redação

errata

Oncolnforma Edição 3 - pg 15 | A Clínica de Oncologia Reichow fica localizada em Blumenau, Santa Catarina.

BMR MEDICAL EM ALTA

Recentemente a empresa realizou a primeira pesquisa de satisfação deste ano. Foram dezenas de mensagens espontâneas que encheram nossa equipe de orgulho, por indicar que estamos correspondendo à expectativa de nossos clientes. Todas estas mensagens nos motivam a continuar com a missão: superar a expectativa de nossos clientes com produtos de alta qualidade e tecnologia, visando os melhores resultados no tratamento do paciente.

Só tenho elogios e quero parabenizar o atendimento.

Mariana Napoli do CEOF (Centro Especializado de Oncologia de Florianópolis), de Florianópolis (SC)

Estão de parabéns, toda a equipe!

Carla Souza, do consultório Dr. Antonio Marcos Nascimento, de Vitória da Conquista, (BA)

Tudo sempre deu certo. Excelente atendimento.

Solange Moreira, do Centro de Câncer, de Cuiabá (MT)

Ótima empresa. Sempre investindo em inovações e tecnologias.

Járisson Diógenes Guilherme, do Centro Pernambucano de Oncologia, de Pernambuco (PE)

Parabenizo a representante Cristiane Rangel pela prestação de serviços, sempre agradável e a postos para resolução de problemas, nos atualizando sobre os lançamentos do mercado. Obrigada à BMR Medical pela parceria e qualidade em seus produtos.

Cristiane Rocha, coordenadora de Enfermagem da Oncologia D'Or, do Rio de Janeiro (RJ)

Ótima empresa compromissada com o desenvolvimento de seus parceiros comerciais apoiando suas ações e sempre disposta a suprir suas necessidades.

Vivian Daiana Wolliger, Clínica de Oncologia Reichow, de Blumenau (SC)

Com a visita podemos tirar dúvidas que surge ao longo dos dias, visto que se tem surgido novos protocolos de quimioterapia e dúvidas dos próprios pacientes.

Rafaela Braga, Oncotech, de Caxias do Sul (RS)

Fazemos uso do ChemoSet IV Administration Set em nossa Unidade de Oncologia. Excelente produto. Sem problemas na entrega ou na integridade do produto. Parabenizamos todos da BMR Medical.

Giordano Bruno Oliveira Borges, farmacêutico da Unacon-HDPA, de Feira de Santana (BA)

Agradecimentos: Workshop - Pós-Graduação Multiprofissional em Oncologia

O Hospital de Câncer de Barretos - Unidade III - Jales vem por meio deste, com grande alegria e satisfação, agradecer o convite para participar da palestra "Gestão de Processos e equipes no Atendimento ao Paciente Oncológico".

Não poderíamos deixar de mencionar a excelência da palestrante e empenho da equipe organizadora em nos atender com a grande atenção, conforto e carinho.

O evento foi de grande importância para o crescimento pessoal e profissional de todos os participantes.

Iracélia Francelino Lima, coordenadora de Enfermagem; Talita Ciceres Minella, coordenadora de Enfermagem; Roger Mauro Dib, gerente Administrativo.

Gostaria de agradecer pelo convite do evento em Curitiba. A BMR Medical está de parabéns. A cada evento um tema melhor que outro, com uma discussão rica entre os profissionais de todo o Brasil. Adorei! A Lélia foi show!

Fernanda Macedo, coordenadora de Enfermagem, AC Camargo Cancer Center



INTERAÇÃO DE PROCESSOS ASSISTENCIAIS

Profissionais oncológicos de diversas instituições do país conferiram os pontos críticos trazidos pela enfermeira Fernanda Oliveira e pela farmacêutica Gisele Sakamoto

“VALEU A PENA PARTICIPAR DO WORKSHOP, FOI ENRIQUECEDOR. ESTA É A PRIMEIRA VEZ QUE PARTICIPO E PODE TER CERTEZA QUE VOLTAREI NAS PRÓXIMAS OPORTUNIDADES”

Natália da Costa Piccoli, farmacêutica do Centro Especializado de Oncologia, de Florianópolis (SC)

A oportunidade de debater pontos críticos na interação de processos, tanto pela enfermagem quanto pela farmácia, reuniu especialistas oncológicos de Pernambuco, Salvador, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Imbuídas no espírito de compartilhar informação, a farmacêutica Gisele Sakamoto e a enfermeira Fernanda Oliveira, supervisora de enfermagem da unidade de Emergência do AC Camargo Cancer Center, dividiram o tablado para mostrar a interação entre etapas e equipes, em suas respectivas instituições.

Para a palestrante Gisele Sakamoto, os setores da farmácia e da enfermagem são distintos, porém, entrelaçados, exigindo sintonia no trabalho. “Apesar da necessidade de todo processo ocorrer de uma forma coesa, se a farmácia e a enfermagem não conseguirem conversar no atendimento ao paciente, não é possível a plenitude do tratamento.”

Três pontos foram apontados pela farmacêutica Gisele como fundamentais para um processo pleno: construção, gerência e execução.

“Por mais que eu veja que um processo esteja bem desenhado, perfeito em todas as fases, se uma pessoa se esquecer de comunicar a menor

informação, todo o processo pode parar, adiando o tratamento do paciente e causando ruídos internos”, apontou Gisele, mencionando que é importante conferir a prescrição, solicitar medicação e, nos casos de clínicas e hospitais particulares, é importante conferir se o atendimento foi autorizado pelo convênio.

Já a especialista oncológica Fernanda Oliveira destacou que a farmácia e a enfermagem são as equipes que mais trocam informações dentro de uma instituição. E, por este motivo, são, também, as mais parceiras, já que ambas visualizam o paciente como principal beneficiado.

A profissional destacou os seguintes processos adotados na Central de Mistura da Quimioterapia do AC Camargo Cancer Center, de São Paulo: o médico prescreve a quimioterapia tanto para pacientes internados quanto para os em atendimento ambulatorial; é missão do farmacêutico clínico conferir toda a prescrição, protocolo, dosagem e ciclo; conferir exames laboratoriais para aferir a condição clínica. Após esta etapa, a medicação é liberada para o preparo.

Neste meio tempo, a equipe de enfermagem está junto do paciente puncionando o cateter para a administração do medicamento. “Criamos várias barreiras com o intuito de minimizar os riscos”, completa a supervisora.



O GRANDE BENEFICIADO DA INTEGRAÇÃO ENTRE AS EQUIPES DE ASSISTÊNCIA É O PACIENTE. SIM, ESTE PROCESSO É LENTO, MAS DEPOIS DE TUDO ORGANIZADO, O TRABALHO FICA MAIS FÁCIL.

Adriana Zancheta Costa, coordenadora da Unidade de Internação do Hospital Sírio-Libanês, de São Paulo

TRABALHO COM ONCOLOGIA HÁ TRÊS ANOS, E, EM UMA ESCALA MENOR, ME IDENTIFICO COM TODO O DEBATE. GOSTEI MUITO DO EVENTO.

Larissa Feitosa Carvalho, farmacêutica da Vitta Clínica Dantas Cavalcanti, de Aracaju (PE)



Aperfeiçoamento

Fernanda destacou um ponto de melhoria para toda a cadeia da enfermagem oncológica. “Por questão cultural, nós nos acostumamos a deixar nas mãos dos técnicos o processo de medicação. Mas, nos principais centros oncológicos dos Estados Unidos, isso é impossível”, garantiu a profissional, ao mencionar os riscos de erro neste processo.

“Me chamou a atenção que, nos Estados Unidos, foi divulgado, em 2006, que pouco mais de sete mil pessoas morreram em decorrência dos erros de medicação. Aqui, no Brasil, nem temos a notificação e o acompanhamento dos números dos erros quanto mais do desfecho final”, reforçou a profissional, lembrando que é possível mudar a postura tanto dos profissionais quanto das instituições”. Temos que trabalhar em prol da minimização dos erros”, destacou.

Gerenciamento em Barretos

Nos últimos seis meses, o Centro Infusional do Hospital de Câncer de Barretos, interior de São Paulo, passou a gerenciar todo o processo de atendimento ao paciente.

Uma equipe multidisciplinar passou a acompanhar de perto processos e orientações, e, com isso, a qualidade do serviço registrou 70% de satisfação. Atualmente, o fluxo diário no setor é de 180 infusões de quimioterapia, 36 hormonioterapias, 30 medicações orais, sem contar o fluxo de heparinização e de novos pacientes.

“Estamos bem satisfeitas com o aperfeiçoamento do setor e da facilidade de comunicação que alcançamos com as implementações”, relata Milena Roberta Teixeira, enfermeira coordenadora do Centro Infusional de Barretos. Segundo ela, um dos mecanismos adotados, por exemplo, é o selo de primeira vez. “As nossas enfermeiras da triagem identificam os novos pacientes para que a enfermeira do setor passe o dia monitorando, informando e esclarecendo dúvidas”. Para este trabalho, as enfermeiras tem à mão um tablet, com informações direcionadas para o trabalho.

O Centro Infusional do Hospital de Câncer de Barretos funciona 13 horas por dia e tem à disposição 11 enfermeiros, sete farmacêuticos, 20 técnicos de enfermagem, cinco técnicos de farmácia, quatro recepcionistas, dois estagiários e quatro administrativos e capela.



Equipe de enfermagem do Hospital de Câncer de Barretos: Milena Teixeira, Juliana Gomes e Camila Sales

O workshop ocorreu no dia 29 de março e a grade curricular faz parte do curso de Especialização Multiprofissional em Oncologia, fruto de uma parceria entre a BMR Medical e a Universidade Positivo.

COMPLEXO HOSPITALAR BRASILEIRO INTERNACIONAL

Hospital Sírio-Libanês consagra-se pelo atendimento com excelência e responsabilidade do tratamento a celebridades e políticos

Não é difícil lembrar qual famoso já tratou o câncer no Sírio-Libanês. Dentre personalidades políticas e artísticas, numa lista rápida, é possível nominar José Alencar, Lula, presidente Dilma, Paulo Autran, Reynaldo Gianecchini, entre outros.

Segundo o médico Gonzalo Vecina Neto, superintendente corporativo do Hospital Sírio-Libanês, instituição brasileira e filantrópica, referência internacional na área da saúde, tratar alguém de maior projeção traz desafios adicionais para as equipes médica e de enfermagem, já que é imprescindível preservar a privacidade.

“Precisamos respeitar as necessidades e restrições que alguns cargos impõem na rotina dos indivíduos, sem perder de vista o que precisa ser feito para assegurar a eficácia do tratamento. Em resumo, é preciso ter maturidade para assegurar que essas pessoas recebam o melhor tratamento possível”, explica o superintendente.

E é esta maturidade que está presente no atendimento eminentemente multidisciplinar. “Apesar dos médicos terem um papel central e decisivo ao longo de todo tratamento, outros profissionais são fundamentais para garantir a qualidade da assistência”, enfatiza dr. Gonzalo.

O médico explicou que a farmácia responde pela procedência, conservação e preparo adequado de

todas as drogas, assegurando que cada paciente receba os medicamentos corretos, nas diluições e doses adequadas. A enfermagem, sempre próxima dos pacientes, é responsável por todos os cuidados para com eles e pelo monitoramento, fazendo com que as informações relevantes à tomada de decisão sejam registradas e transmitidas para a equipe.

A fisioterapia é responsável pelo desenvolvimento da capacidade física e de resistência aos desafios da doença e do tratamento. Já a equipe da psicologia e da terapia ocupacional desenvolvem uma nova capacidade de olhar o mundo dentro da perspectiva da doença e de seu prognóstico.

“Todas as equipes trabalham em conjunto na orientação e acompanhamento dos pacientes em quimioterapia, especialmente no tratamento ambulatorial, trazendo maior tranquilidade e segurança.”

Mas, para alcançar este padrão de qualidade na assistência, houve investimento na formação e desenvolvimento dos profissionais no Centro de Oncologia.

“A questão não é somente desenvolver uma capacidade de melhor adaptar o paciente ao seu estágio de tratamento, mas de humanizar esse tratamento e também preparar o paciente e a família para o caso da morte, ou seja, dar os adequados cuidados paliativos, a busca da dignidade do óbito”, esclarece.

Aperfeiçoamento

Segundo a direção, o Hospital Sírio-Libanês mantém uma rotina constante de treinamento com seus colaboradores. Diversos cursos de especialização e capacitação são oferecidos por meio do Instituto de Ensino e Pesquisa (IEP). Além disso, o hospital procura oferecer excelência não apenas no atendimento dos clientes, mas também em relação ao ambiente de trabalho, oferecendo boa infraestrutura, tecnologia de ponta e processos modernos, a fim de atrair e reter os melhores especialistas.

De acordo com esta filosofia, o trabalho da área de Gestão de Pessoas incentiva a constante busca de conhecimento e especialização por meio do projeto “Trilha de Carreira”, em que o colaborador tem acesso

“A QUESTÃO NÃO É SOMENTE DESENVOLVER UMA CAPACIDADE DE MELHOR ADAPTAR O PACIENTE AO SEU ESTÁGIO DE TRATAMENTO, MAS TAMBÉM HUMANIZAR ESSE TRATAMENTO”

Dr. Gonzalo Vecina Neto,
superintendente corporativo

a um mapa que indica todas as áreas onde ele pode atuar, os cargos e as especializações necessárias para o crescimento profissional.

Quanto à produção do desenvolvimento de ensino e pesquisa científica na instituição, o Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa (IEP) é um polo gerador e difusor do conhecimento e de desenvolvimento de novas tecnologias, tanto no caso de novas drogas e equipamentos, quanto em novos processos, que melhoram a assistência à saúde.

Dentre as opções de cursos, estão: pós-graduação, residência médica e multiprofissional, simpósios e congressos. Os números da instituição registram que, só em 2013, o IEP formou 50 mil alunos em mais de 120 cursos, a grande maioria deles sendo alunos do SUS, ligados ao PROADI (Programa de Apoio ao Desenvolvimento Institucional do Sistema Único de Saúde).

Modernização

Desde 2009, o Hospital investe na ampliação de serviços e instalações. Foram inauguradas três unidades em São Paulo: Brasília, que conta com atendimento oncológico, Mulher, na avenida Brasil, e a Unidade Itaim. Na unidade Bela Vista, foram construídas três torres.

Quanto ao plano de modernização para a parte assistencial, está prevista a compra de um novo prédio para a área administrativa, aumento dos serviços ambulatoriais e modernização das instalações já existentes.

Ao todo, a obra dobrou a área construída do hospital, que agora corresponde a 185.246,90 m². O plano prevê a totalização de 710 leitos, 14 novas salas cirúrgicas e o aumento do atendimento e internações.



CATETER

IMPORTANTE ALIADO DO PACIENTE

Especialista americana da *Oncology Nursing Society*
aponta procedimentos e garante que dispositivo
precisa ser mais defendido



É difícil de encontrar um profissional que não reconheça os benefícios que o cateter agrega tanto para os pacientes quanto para eles próprios. Isso porque há anos a tecnologia passou a ser bem conhecida e difundida por meio dos estudos publicados em todo o mundo.

No entanto, algumas peculiaridades variam de instituição, clínica e profissional e a tentativa de mudança positiva sempre está atrelada ao *benchmark*, busca das melhores práticas que conduzem ao desempenho superior.

Imbuída neste espírito, a enfermeira oncológica da *Oncology Nursing Society*, Linda Person, que trabalha no Hospital Norris Cancer, da *University of Southern California*, mencionou que na instituição onde atua, a indicação para o cateter central chega junto com a prescrição de quimioterapia.

“Encorajamos nossos pacientes a considerar o cateter totalmente implantável para os casos de quimioterapia por mais de três ciclos.” Além disso, a equipe de enfermagem avalia o histórico de extravasamento após o primeiro ciclo, dificuldades

para encontrar a veia periférica adequada e dor com a infusão.

De acordo com o levantamento do hospital Norris Cancer, dos pacientes tratados no centro de infusão, 69% utilizam cateter intravenoso central. Já segundo a comunidade oncológica americana, o percentual de utilização do cateter central é próximo de 45%.

“Como uma defensora dos pacientes, costumo encorajar aqueles que estão começando o tratamento a considerar o uso de um cateter central”, enfatiza Linda.

Segundo ela, a vontade do paciente sempre é respeitada na instituição. “Independentemente das indicações médicas, se um paciente pede um cateter central, ele é atendido”, revela.

Atualmente, os Estados Unidos contabilizam cerca de 1,7 milhão de novos casos de câncer por ano. “Como uma especialista em infusão quimioterápica, sinto que mais pacientes nossos poderiam se beneficiar do uso de uma linha central.”

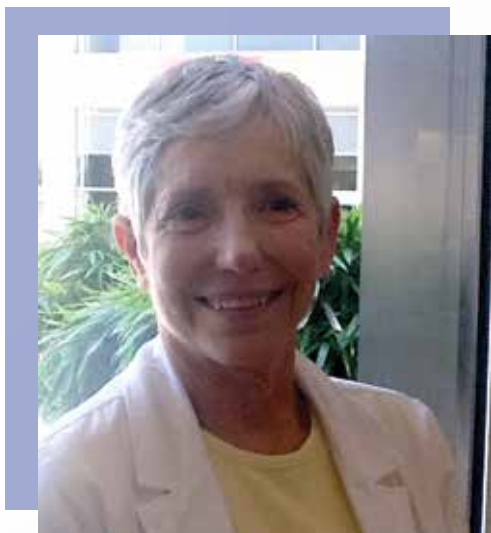
Segundo a especialista oncológica, em média, o hospital recebe, diariamente, mais de 100 pacientes para quimioterapia intravenosa ou para atendimento no centro de infusão ambulatorial.

“Muitos dos medicamentos que nós administramos requerem o uso de um cateter intravenoso, que pode ficar com o paciente por vários meses”.

O centro de infusão do Norris Cancer utiliza a linha intravenosa, posicionada na veia cava superior, para a coleta de exames de sangue para estudos laboratoriais, administrar fluidos e para a quimioterapia. “Sem essa linha central, o paciente não conseguiria completar o tratamento, sendo assim, consideramos o cateter muito útil”, completa Linda.

“ENCORAJAMOS NOSSOS PACIENTES A CONSIDERAR O CATETER TOTALMENTE IMPLANTÁVEL PARA OS CASOS DE QUIMIOTERAPIA POR MAIS DE TRÊS CICLOS”

Linda Person,
enfermeira oncológica



Indicações imprescindíveis, segundo Linda Person

O primeiro indicativo para aplicar uma linha central é saber se o paciente vai receber parte do tratamento quimioterápico em casa. Isso acontece quando receitamos 5-FU para um paciente com câncer de cólon, com infusão contínua de 46 a 96 horas, depois de deixar o centro de infusão.

Na nossa realidade, depois de serem orientados, muitos desses pacientes podem desconectar sozinhos a bomba de infusão e limpar a linha central, mas também existe a opção de voltar ao centro de infusão quando a infusão estiver concluída. Essa é a nossa política, assim como outras, se um paciente está recebendo um vesicante, por exemplo, *Adriamicina (doscorrubiana)*, por mais de uma hora, ele precisa de um cateter intravenoso central. Sem isso, a enfermeira não poderá aplicar o medicamento.

CATETER x QUALIDADE DE VIDA

Diretor da clínica Oncológica Cirúrgica Integrada, (OCI), de Aracaju, José Geraldo Bezerra, aponta as indicações do uso do cateter nestes 32 anos

“OS CATETERES, SEJAM ELES IMPLANTÁVEIS OU NÃO, HOJE SÃO PEÇAS FUNDAMENTAIS PARA MELHORA DA QUALIDADE DE VIDA DOS PACIENTES ONCOLÓGICOS”

José Geraldo Bezerra, cirurgião oncológico

No Brasil, os primeiros registros de indicação do cateter na oncologia ocorreu em meados de 1982. Segundo artigo publicado pelo EJSO (*European Journal of Cancer Surgery*), em 2006, as primeiras práticas clínicas dos ports foram para a administração de quimioterapia de longo tempo, transfusão, nutrição parenteral, obtenção de amostra sangue, terapia de dor e aplicação da medicação bifosfonato a pacientes oncológicos.

Segundo o cirurgião oncológico José Geraldo Bezerra, diretor do Grupo Oncologia Cirúrgica Integrada (OCI), de Aracaju (SE), o cateter é muito versátil, pois não se presta apenas à infusão de drogas citostáticas, mas aglomera funções, como por exemplo: infusão de soluções de hidratação, de drogas não citostáticas e, em alguns casos, são muito úteis para coleta de sangue. Ainda evitam a perda de acessos venosos periféricos por trombozes ou flebites e reduzem o desconforto na infusão de drogas irritantes.

“Os cateteres, sejam eles implantáveis ou não, hoje são peças fundamentais para melhora da qualidade de vida dos pacientes oncológicos em uso de quimioterapia venosa”, afirma o médico.

Quanto ao manuseio, o médico destaca que é imprescindível ser cuidadoso. “Há poucos anos os cateteres eram considerados itens restritos, visto que os índices de infecção eram maiores dos que os registrados hoje. Além disso, havia um

menor número de profissionais habilitados para o manuseio destes equipamentos. Nos últimos anos, diversos estudos científicos comprovaram que este dispositivo é muito seguro, se bem cuidado; de longa duração e com a multiplicação das equipes voltadas para o tratamento oncológico, o manuseio ficou mais familiar há um maior número de profissionais”, destaca o cirurgião oncológico.

“Acredito que este é um processo em evolução. Hoje não se concebe submeter o paciente a longos ciclos de quimioterapia sem o uso destes dispositivos”, garante, lembrando que antigamente o cateter era utilizado em casos excepcionais, quando o paciente não mais dispunha de acesso periféricos para administração da quimioterapia.

Outro ponto positivo é em relação ao acesso à informação. Segundo o médico, a família e o paciente estão conhecendo a importância do dispositivo, cobrando do governo e das operadoras ações que possam influir diretamente em sua recuperação.

“Tenho certeza que, cada vez mais, os cateteres e tecnologias afins sejam mais frequentemente utilizadas pelos pacientes oncológicos”, aponta.

Bezerra menciona que a utilização da tecnologia de cateteres, principalmente os implantáveis, é uma consequência da busca por qualidade de vida desses pacientes oncológicos.

Oncologia em Sergipe

Segundo o diretor da clínica Oncológica Cirúrgica Integrada (OCI), José Geraldo Bezerra, cirurgião oncológico, de Aracaju, a cada ano o município recebe mais profissionais voltados para o tratamento do câncer. “Por aqui, percebe-se, nitidamente, um movimento voltado para a maior utilização dos *Port-o-caths*”, informa Bezerra.

Já sobre os pontos de melhoria, o médico relata que por atuar no menor estado da federação, a utilização de novas tecnologias fica muito restrito, tanto no âmbito particular quanto no público. “Possuímos poucos profissionais habilitados para o uso destes cateteres. Os pacientes desta região recebem pouca ou nenhuma informação sobre esta tecnologia, e são poucas as instituições de saúde bem preparadas para realizar o implante destes equipamentos”, avalia.

Segundo o médico, a solução está em trabalhar para agilizar o implante dos cateteres e conscientizar e informar a população sobre os benefícios do uso dessa tecnologia.



BMR MEDICAL FAZ DIFERENTE

Indústria de produtos médicos investe na promoção de bons hábitos, saúde e conforto para trabalhadores da empresa

Com sua estrutura 95% finalizada, a BMR Medical prepara-se para iniciar a produção no Brasil. São quase dez anos trabalhando no desenvolvimento de tecnologias que agreguem qualidade de vida aos pacientes, com segurança aos profissionais de saúde.

Para a indústria, disponibilizar ao Brasil um parque tecnológico de ponta é tão importante quanto dar ao colaborador uma condição de trabalho pautada em ética, bons hábitos, saúde e conforto. Por este motivo, está sendo construída uma sede exclusiva com refeitório, creche, academia e sala de jogos.

O projeto da creche nasceu paralelamente com a indústria porque a empresa é constituída, em sua maioria, por mulheres. Por isso, nada mais justo do que trazer os pequenos para perto das mães. “Queremos assegurar conforto e segurança para as mães, reafirmando o nosso comprometimento, já que primamos pelo trabalho das mulheres”, destaca o CEO, Rafael Martinelli de Oliveira.

A unidade será totalmente adaptada para as necessidades das crianças, com professoras e pedagogas, durante todo o dia. Para a assistente comercial Joelma Silva de Campos, grávida de quatro meses, é uma tranquilidade saber que ao voltar da licença maternidade poderá trabalhar praticamente ao lado de seu bebê. “Isso é muito bom. São inúmeros os benefícios: Poderei continuar a amamentar, almoçar ao lado de meu bebê, cuidar, enfim, ficarei segura para o trabalho”, relaciona.

Para manter a boa saúde do colaborador, a empresa investirá na alimentação balanceada, preparada por uma equipe de cozinha especializada e na prática esportiva. A empresa cederá 30 minutos da jornada de trabalho para desenvolver o hábito esportivo. A prática de 30 minutos de exercício diários foi recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para garantir não só bem-estar físico, mas para aumentar a expectativa de vida e diminuir o risco de doenças.

“A indústria quer ir além da integração da equipe e da promoção da saúde. Somos uma empresa genuinamente brasileira e carregamos em nossa essência a promoção da qualidade de vida, seja ela para nossos clientes ou para nossos colaboradores”, ressalta o CEO.

“SÃO INÚMEROS OS BENEFÍCIOS: PODEREI CONTINUAR A AMAMENTAR, ALMOÇAR AO LADO DE MEU BEBÊ, CUIDAR, ENFIM, FICAREI SEGURA PARA O TRABALHO”

Joelma Silva de Campos,
assistente comercial



12
DE MAIO





PARABÉNS AOS
ENFERMEIROS
DO NOSSO
BRASIL

CLÍNICAS ONCOLÓGICAS MIRAM NA ACREDITAÇÃO

A Organização Nacional de Acreditação (ONA) registrou, no último ano, crescimentos espontâneos. As clínicas oncológicas somam 45% do percentual



Além do crescimento contínuo recorrente, a Organização Nacional de Acreditação (ONA) registrou uma grande evolução no último ano, propiciada, em maioria, por uma condição externa, com os avanços registrados nos cuidados com a segurança e a qualidade em todo mundo.

Segundo a médica Maria Carolina Moreno, diretora de Relações Institucionais da ONA, um fato relevante seria o despertar da sociedade para identificar as organizações que se preocupam com a segurança do paciente, com a qualidade da assistência, reforçada pelas exigências da Agência Nacional de Saúde (ANS) para a qualificação dos prestadores dos serviços de saúde, a partir do programa nacional de segurança do paciente.

“O USUÁRIO ESTÁ APRENDENDO A IDENTIFICAR QUE A ACREDITAÇÃO É UMA FORMA DE TORNAR A ORGANIZAÇÃO MAIS SEGURA E A ONA VEM TRABALHANDO PARA APRIMORAR SUA METODOLOGIA”

Maria Carolina Moreno,
diretora de Relações Institucionais

Qual o percentual de instituições e de clínicas oncológicas que buscam a certificação?

Não existe uma estratégia específica para o setor de oncologia, porém, notamos que as clínicas estão tendo mais acesso em virtude da agilidade, orçamento e estratégia. Atualmente, as clínicas oncológicas somam 45% do percentual de certificações para ambulatório. Já, se a comparação englobar todas as organizações oncológicas, o número cai para 6,9%.

Como ocorre o gerenciamento e monitoramento de projetos de melhoria encontrados durante as certificações?

O processo de avaliação funciona como uma ferramenta de gestão, que vai auxiliar as instituições a balizarem a qualidade da assistência e da gestão que praticam, a partir de padrões e requisitos preestabelecidos.

Esse processo é acompanhado por uma equipe externa de avaliadores, com experiência em gestão e assistência, que realiza uma avaliação sistêmica da organização para ver como ela trata as questões referentes a segurança, gestão por processos, cuidado centrado no paciente e verifica se essas soluções estão adequadas.

Como é o processo?

Por ser sistêmico, o processo para a certificação se reflete em todas as áreas e atividades, porque uma parte dos requisitos são relacionados à assistência e outra parte à gestão, como, por exemplo, controle de custos, controle de reclamação dos clientes, como você vivência os custos, compras, qual a sua política para suprimentos, qual a sua política em relação a segurança do paciente.

Enfim, todas as questões de gestão são avaliadas em uma visita para certificação ou até para uma visita para diagnóstico organizacional, que é outro serviço oferecido pela ONA.

Qual o percentual de certificados finalizados em 2013?

A ONA encerrou 2013 com um total de 217 certificações concedidas, o que representa um crescimento de 34,8% em relação ao ano anterior.

Do total de 105 instituições acreditadas no setor hospitalar, 37 hospitais conquistaram a primeira certificação, como é o caso de dois no Amazonas.

Os serviços ambulatoriais ou de pronto atendimento é o segundo mais buscado, com 35 certificações, 16 das quais foram obtidas pela primeira vez.

Foram homologados também 26 laboratórios, sendo seis novos; 13 serviços de hemoterapia (quatro novos acreditados); 13 serviços de nefrologia e terapia renal substitutiva, duas instituições novas; assim como 13

serviços de diagnóstico por imagem, radioterapia e medicina nuclear, com sete acreditados pela primeira vez.

A ONA concluiu, ainda, quatro processos de acreditação de Serviços de Atenção Domiciliar, dos quais um foi concedido pela primeira vez; e dois programas de saúde e prevenção de risco, com uma nova certificação.

Quem busca mais as certificações?

A maior procura é por parte dos hospitais e se justifica pela complexidade e variedade de atividades exercidas. Mas os laboratórios e clínicas também têm uma importância muito grande, já que a certificação é estratégica em todo segmento que se preocupa com segurança e qualidade.

No caso das clínicas, está em curso um programa piloto em parceria com a FEHOESP (Federação dos Hospitais, Clínicas e Laboratórios do Estado de São Paulo) e o Sindhosp, maior sindicato patronal da categoria. O Projeto Bússola tem como objetivo disseminar a gestão de qualidade e estimular a Acreditação ONA entre as clínicas que ainda não são certificadas.

Qual a postura da ONA quando identifica, em auditorias, instituições utilizando materiais perfurocortantes, sem dispositivo de segurança?

Quando nos deparamos em auditoria com o cenário apresentado primeiramente perguntamos os motivos do não uso, qual a evidência científica para tal decisão, quantos acidentes de trabalho aconteceram com aquele material, entre outras coisas, levando a organização a refletir a respeito. Não somos uma metodologia prescritiva. Não podemos obrigar o cliente a adotar X ou Y método de segurança, mas questionamos com bastante intensidade o não uso. Havendo comprometimento da segurança do profissional ou do paciente no processo de trabalho isto será apontado como não conformidade no atendimento ao padrão estabelecido.

Qual é a relevância para o paciente se tratar em uma instituição/clínica certificada?

Para alcançar a certificação, a instituição deve buscar a padronização nas atividades, de modo a reduzir a possibilidade de erros e apresentar integração entre as áreas: médica, administrativa, tecnológica e assistencial, além de um trabalho permanente para a sua manutenção.

No caso da ONA, a acreditação não é focada apenas nos processos, mas na excelência da execução dos procedimentos. Um serviço acreditado tem que manter avaliação constante de seus processos e buscar a melhoria contínua com vistas à segurança e qualidade. Isso envolve aspectos como a análise e avaliação dos processos e atividades dentro do serviço de saúde; identificação dos riscos; definição de medidas de prevenção; detecção de desvios em processos que podem levar a ocorrência de risco e ações de mitigação do risco, quando esse se concretiza.

FEEDBACK NA GESTÃO DE PROCESSOS



Especialista em administração hospitalar, Lélia Rocha Martin, arrebatou profissionais oncológicos em workshop em Curitiba

A especialista em administração hospitalar, Lélia Gonçalves Rocha Martin, driblou o termômetro da fria manhã do dia 10 de maio e aqueceu os debates em torno do tema: Gestão dos Processos e Equipes no Atendimento ao Paciente Oncológico.

Tanto a enfermeira Karla Lúcia do Nascimento, gerente de quimioterapia da Clínica Assis Cettro, de Brasília (DF), quanto sua colega, Maria Aparecida Cardoso, também enfermeira, afirmaram que este workshop foi o melhor que elas já participaram. "O fato da palestrante falar com tanta propriedade já nos dá mais segurança", diz Maria Aparecida. Já Karla completa: "Eu passaria toda a tarde ouvindo, bem tranquilamente".

De Salvador (BA), a enfermeira do Monte Tabor Clínica Oncológica, Cristiane Agostinho, destacou que estar no evento foi uma feliz coincidência. "Estou em um período de rever processos e com a Lélia pude perceber até onde podemos ir e qual é o papel da enfermagem na instituição". A enfermeira oncológica completou: "Aqui eu pude medir o meu trabalho e perceber que estamos padronizando o atendimento oncológico no Brasil".

De Petrolina (PE), o enfermeiro Paulo Loivo, da APAMI (Associação Petrolinense de Amparo à Maternidade e à Infância), disse que sai satisfeito porque conseguiu tirar bastante dúvidas. Já o colega farmacêutico Tiago Cavalcanti, da Oncologia Vale do São Francisco, também de Petrolina, destacou: "Pude perceber novas oportunidades no setor para melhorar o serviço".

A farmacêutica Quellen Cristina Santiago Sobral, do Instituto de Oncologia e Radioterapia São Pelegrino,

da Rede D'Or, de Porto Velho (RO), afirmou que a importância do processo debatido ficou bem clara: "Para atender melhor o paciente, eu preciso ter um bom processo administrativo e uma linha de comunicação constante".

Sobre a parte de gestão, a supervisora e enfermeira Flávia Pessoa Torrecillas, do setor de educação do COI, do Rio de Janeiro (RJ), citou que a enfermagem está em processo de amadurecimento. "A gente não perde terreno quando dividimos o trabalho e não perdemos aptidões. Aliás, muito pelo contrário. A equipe ganha competência e o paciente, o melhor atendimento", pontua.

Do interior do Paraná, Cascavel, a enfermeira do COOP, Amélia Dzivielevski Hetkowski, mencionou que o workshop trouxe conteúdo para conduzir o processo de auditoria. Já as colegas Paula Shioga e Kelly Gonçalves, do CAON (Centro Avançado de Oncologia), de Ribeirão Preto (SP), mencionaram que irão implantar alguns protocolos citados por Lélia. "Estamos em busca de coisas novas e com a palestra, vi que podemos gerenciar informações por meio de protocolos", diz Kelly.

Representando o Hospital de Câncer de Barretos, unidade de Jales (SP), a enfermeira Iracelia Francelino Lima ressaltou a troca de experiência. "Este momento é importante para nos atualizarmos, inovarmos e atendermos melhor o paciente." Já a colega Talita Caceres Minella, também enfermeira, mencionou que ambas estão assumindo um cargo de gestão na unidade e que Lélia conseguiu apontar novos caminhos. "Foi bom saber que estamos no caminho certo. Agora observamos quais pessoas devemos inserir no processo."

SafeStep™

HUBER NEEDLE SET

O passo certo para você
e o seu paciente



Importado por:



SEDE INDUSTRIAL
BR 116, 400 (Km 1) - Campina Grande do Sul, PR
Tel: 55 41 3093 3900
www.bmrmedical.com.br
sac@bmrmedical.com.br

Fabricado por:





SEDE INDUSTRIAL

BR 116, 400 (Km 1) - Campina Grande do Sul, PR

Fone: (41) 3093 3900

Fax: (41) 3093 3903

WWW.BMRMEDICAL.COM.BR

sac@bmrmedical.com.br

